



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ALAYLTON WESLLEY MOURA FÉLIX**

**COTIDIANO E SOCIABILIDADES NOS FESTEJOS JUNINOS DE VALENÇA DO  
PIAUÍ NA DÉCADA DE 1980.**

**PICOS-PI  
2017**

**ALAYLTON WESLEY MOURA FÉLIX**

**COTIDIANO E SOCIABILIDADES NOS FESTEJOS JUNINOS DE VALENÇA DO  
PIAUÍ NA DÉCADA DE 1980**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

**PICOS-PI  
2017**

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**

**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**F627c** Félix, Alaylton Wesley Moura

Cotidiano e sociabilidades nos festejos juninos de Valença do Piauí na década de 1980 / Alaylton Wesley Moura Félix. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (47f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

1. Festas Juninas. 2.Cultura Popular. 3.Valença do Piauí- Cotidiano Social. I. Título.

**CDD 398.209**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) dias do mês de dezembro de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Alaylton Wesley Moura Félix** sob o título **Cotidiano e sociabilidades nos festejos de Valença do Piauí na década de 1980**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador 1: Prof. Ms. José Lins Duarte  
Examinador 2: Prof. Robson de Lima Fernandes

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 7,5.

Picos (PI), 06 de dezembro de 2017.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: José Lins Duarte  
Examinador (a) 2: Robson de Lima Fernandes

Dedico este trabalho a meus pais, exemplos de superação!

A todos que sempre acreditaram em mim e  
estiveram ao meu lado.

## AGRADECIMENTOS

Venho por meio deste, primeiramente a Deus, demonstrar minha gratidão, como também a todas as pessoas que, de alguma maneira, me ajudaram e me dão força para continuar nessa jornada, pois sozinho a gente não chega a lugar nenhum, é imprescindível algumas pessoas na nossa vida para que ela funcione de maneira saudável. Portanto, venho aqui agradecer a Deus, que me dá forças a todo momento e sem ele não seríamos ninguém!

A meus pais Adaildo Félix da Silva e minha mãe Antonina de Moura Frazão pelo amor fraterno a mim dado que nunca me abandonaram, sendo eu grato pelo resto da minha vida a eles, por tudo que fizeram e fazem por mim.

E o que dizer a você Antonina de Moura Frazão? Mãe obrigado pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda distância, todo o sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar... Hoje estamos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho! Esta vitória é muito mais sua do que minha!!!

Agradecer a minha família, pois a família é um item de grande importância para qualquer ser humano, á meus avós maternos e paternos, em especial à minha avó Antonina (in memoriam), pelos ensinamentos como também pelos cuidados dados a mim, em que eu nunca a esquecerei sendo grato eternamente por ela.

Aos amigos de curso que se tornaram amigos da vida, pois sem eles não teria graça, em que espero leva-los nossa amizade pelo resto da vida, especialmente Antoniel e Herlesson, Marcos, Wiliam, Jonathan, Paulo Henrique por todos os momentos alegres como também aos difíceis, durante essa trajetória, e dizer que sem vocês eu também não chegaria aonde estou hoje, vocês foram sem dúvida, um pilar ímpar nesse caminho, passando pelas fases junto, e que aos poucos estamos chegando ao fim dessa etapa, de muitas outras que virão.

Ao meu professor orientador Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos por me direcionar neste trabalho, me proporcionando muitos aprendizados, sempre muito atencioso e muito competente.

Ao professor e historiador Antônio José Mambenga, pelos seus conhecimentos repassados a cerca de saberes sobre Valença do Piauí, como também sua vontade de ajudar a todos com sua generosidade e boa vontade.

Agradecer também á Paloma Aparecida pelo carinho e companheirismo, e por sempre me dar forças para que eu continuasse crescendo, tanto como pessoa como acadêmico, aqui meu muito obrigado a ela.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram de algum modo minhas experiências, aqui meu muito obrigado.

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

Foi numa noite igual a esta  
Que tu me deste o coração  
O céu estava assim em festa  
Pois era noite de São João

Havia balões no ar  
Xote, baião no salão  
E no terreiro o teu olhar  
Que incendiou meu coração

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

**(Luiz Gonzaga)**

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo as festas juninas e as relações cotidianas geradas por elas no município de Valença do Piauí na década de 1980, analisa a Festa Junina como tradição da cultura local e síntese de vários elementos de outras culturas que se fundiram ao longo do tempo, como também ressalta as relações sociais que as festas juninas geram, mudando o cotidiano da sociedade, estabelecendo também a relação das festas populares inseridas no ambiente urbano. Analisa os elementos inerentes ao contexto da Festa Junina que podem representar a identidade cultural local e como eles ajudam a contar a história de um povo. Utiliza o método da história oral para discutir sobre relatos de sujeitos que viveram essa época no espaço em questão, participando de forma ativa ou passiva no âmbito junino, utilizando de suas memórias para a análise da pesquisa. Também faz uso de livros de autores que trabalham com a temática, e também com trabalhos monográficos com a mesma linha de pesquisa. O referencial teórico tem como base as reflexões de Michel de Certeau (1994), Raquel Rolnik (1995) Sandra Jatahy Pesavento (2007). A pesquisa apresentou análises que buscam ressaltar por meio de manifestações culturais das festas juninas como formas geradoras de sociabilidades na cidade de Valença do Piauí no recorte estabelecido.

**Palavras-chave:** Festas juninas. Cultura popular. Cotidiano. Valença do Piauí.



## **ABSTRACT**

This work has as object of study the festas juninas and the daily relations generated by them in the municipality of Valença do Piauí in the 1980s, analyzes the Festa Junina as a tradition of local culture and synthesis of several elements of other cultures that have merged in the long of the time, but it also emphasizes the social relations that the June festivities generate, changing the daily life of society, establishing also the relation of the popular festivals inserted in the urban environment. It analyzes the elements inherent to the context of the Festa Junina that can represent the local cultural identity and how they help tell the story of a people. It uses the method of oral history to discuss the reports of subjects who lived in that space in the space in question, participating actively or passively in the Junino context, using their memories for the analysis of the research. Also makes use of books of authors who work with the subject, and also with monographic works with the same line of research. The theoretical reference is based on the reflections of Michel de Certeau (1994), Raquel Rolnik (1995) Sandra Jatahy Pesavento (2007). The research presented analyzes that seek to emphasize by means of cultural manifestations of the Juninas festivities as ways of generating sociabilities in the city of Valença do Piauí in the established cut.

**Keywords:** Juninas festivities. Popular culture. Daily. Valença do Piauí

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização da cidade de Valença do Piauí-PI.....	15
Figura 02: Faixada da quadrilha Bela Flor .....	19
Figura 03: Festival de quadrilha na quadra do colégio Santo Antônio .....	20
Figura 04: Primeiro Festival de quadrilhas na praça do xerém .....	28

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2-AS FESTAS JUNINAS E SUAS REPRESENTAÇÕES.....</b>	<b>15</b>
2.1 Apropriação das festas juninas para a cultura brasileira.....	17
2.2 Alguns aspectos sociais das festas juninas .....	18
2.3 Aspectos lúdicos da festividade.....	24
2.4 Simbologias juninas.....	28
<b>3. FESTA E CIDADE: RELAÇÕES DAS FESTAS JUNINAS NA CIDADE DE VALENÇA DO PIAUÍ NA DÉCADA DE 1980.....</b>	<b>33</b>
3.1 Estudos sobre festas populares.....	33
3.2- O cotidiano antes e durante os momentos das festas juninas .....	37
3.3 A festa junina no contexto urbano .....	39
<b>4-CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
Anexos .....	45

## 1-INTRODUÇÃO

As festas juninas existem em todo o Brasil, esses festejos têm maior expressividade nas regiões norte e nordeste do país, mas que nas outras regiões brasileiras também comemoram esse período comemorativo, na região sul e sudeste por exemplo são famosas as quermesses juninas, sendo uma festividade enraizada na cultura brasileira. Acontecem no mês de junho com comemorações em todo o país, com características regionais mais acentuadas nas regiões norte e nordeste do país, onde as comemorações do mês de junho se perpetuam até mesmo nos meses de julho e agosto, notando-se a importância dessa festa popular para a cultura brasileira.

Essa festividade constitui-se como uma das datas comemorativas mais importantes existentes no Brasil. Juntamente com o natal e a páscoa, as festas juninas são marcadas pelas simbologias e representações na sociedade tendo uma grande significação cultural, se estabelecendo como cultura imaterial brasileira, pois compreende expressões da vida cotidiana e tradições, que são respectivas da sociedade, estando relacionadas a elementos espirituais cosmológicos configurando-se com aspectos simbólicos, fazendo-se parte de um patrimônio cultural de um local.

A Festa Junina trata-se de uma celebração brasileira, porém de origem europeia, que durante a Idade Média já era uma data consagrada como Festa de São João, tendo esse nome a fim de homenagear João Batista, primo de Jesus. Se trata de um evento religioso que exalta os santos católicos. Trazida para o Brasil no período colonial, a festa ganhou outras interpretações, desprendendo-se do sentido religioso e assumindo uma ligação maior com a terra e com as origens brasileiras (RANGEL, 2008).

Se pesquisarmos a origem dessas festividades, perceberemos que elas remontam a um tempo anterior a época medieval, portanto anterior ao surgimento da era cristã. De acordo com o livro “O ramo de ouro”, de James George Frazer, (1978) o mês de junho, tempo do solstício de verão no Hemisfério Norte, era a época do ano em que diversos povos nativos faziam rituais de invocação de fertilidade para estimular o crescimento da vegetação, promover a fartura nas colheitas e trazer chuvas. Tendo após o cristianismo relações de adoração a santos cristãos, Santo Antônio (13), São João (24), e São Pedro (29), respectivamente havendo uma relação que configura novas características culturais brasileiras.

Sabe-se que há no Brasil, uma imensa diversidade cultural advinda da miscigenação existente no país, pois diversas características culturais foram trazidas e impostas pelos colonizadores europeus. Aspectos como a língua, culinária, religião, rituais dentre muitas outras

características trazidas pelos europeus que são responsáveis pela diversidade existente no país, existindo uma série de elementos que constituem toda a mistura cultural presentes no Brasil.

Por meio do tema “festas juninas” esta pesquisa proporciona um campo fértil para análises de significados de importantes aspectos da cultura brasileira. Ela serve entre outros aspectos como objeto de estudo para se compreender alguns aspectos de apropriações culturais, também como subsídio para a compreensão de fatores sociais, como para entender tais movimentos sociais em determinados espaços inseridos com sua temporalidade nela estabelecida.

A pesquisa tem como proposta buscar, por meio de estudos relacionados ao tema, ressaltar alguns aspectos das festas juninas buscando analisar suas representações culturais, como também entender essa festividade como um objeto de pluralidade cultural, que tem o poder de estabelecer laços sociais em uma sociedade, por meio de aspectos afetivos a ela estabelecida.

O estudo está inserido no contexto, espaço e tempo estabelecidos, no município de Valença do Piauí, na década de 1980. Ela visa estabelecer como se davam essas festas no município, na década de 1980, com suas simbologias e representações culturais, por meio da análise das sociabilidades e do cotidiano que as festas juninas geravam no aspecto social da população.

Vários campos discutem a história social e cultural de um povo. Campos das ciências humanas como a história, a antropologia e sociologia tendo estudos que possuem uma vasta historiografia que permitem pesquisas sobre o tema. Estes campos estão preocupados em colaborar com os estudos das tradições da cultura popular, por meio de interpretações culturais como também de experiências históricas humanas.

Esse trabalho faz uso de fontes orais, em que foram entrevistadas quatro pessoas, a senhora Etevalda Maria de Oliveira, Francisca Teresinha Ferreira, Francisca Teresinha dos Santos, Antônia da Luz, que estiveram presentes, ou brincando quadrilha, como também participando da organização dessas festas como também pessoas que assistiram as festas juninas nesse período, e procura seguir as reflexões da história cultural. Se tratando de memória, a história oral se dá como um subsídio de grande importância para entendermos a memória, por meio de relatos tanto individuais quanto coletivos de imagens. Michel Pollack (1990, p. 201) afirma que “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”. Então podemos ver que a história oral serve como fonte

subjetiva de grande importância para o entendimento da memória. Pollack nos situa sobre os elementos que capazes de construir a memória,

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. (POLLACK, 1990p. 202).

Então, podemos ver a história oral como uma abertura para entendermos de forma subjetiva a memória, por meios de interpretações e métodos que o estudo sobre história oral nos proporciona.

A fundamentação teórica do trabalho trará os autores que discutem os conceitos da temática de "Cidades e História" tais como Raquel Rolnik (1995) que nos fala que a cidade é como se fosse um ímã que atrai as pessoas formando um aglomerado humano.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007) tem uma concepção de cidade onde a urbe é sensível e imaginária. Trata-se de uma abordagem em que a urbanidade é vista com sensibilidade, onde a cidade não é apenas material, mas ela é também um espaço para o fortalecimento das relações de sociabilidades.

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do 'habitar', e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do 'humano': cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007, p.14).

O autor francês Michel de Certeau (1994) aborda a importância das trajetórias e intensidade dos nossos passos pelas ruas nas caminhadas pela cidade, para que possamos conhecer a cidade de múltiplas formas. A utilização desses autores é essencial para o desenvolvimento e embasamento quaisquer trabalhos realizados sobre as variações de cidades e História.

Também contamos com autores que trabalham com os temas das festas juninas, como Luciana de Oliveira Chianca (2008), Ricardo Cruz Macêdo (2007), Lúcia Helena Vitalli Rangel (2008), Melo Morais Filho (2002).

Além das fontes imagéticas, em que acreditamos que analisar imagens é ser dirigido pela memória, ao tempo que se colocamos numa condição de averiguar essas construções imagéticas e entender as fotografias como memória, como registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos, documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência na medida em que reflete momentos memoráveis da vida de quem as guarda, a utilização da fonte oral deu uma contribuição essencial para esse trabalho.

Nesse sentido, a partir das marcas deixadas por esses indivíduos, sobretudo as lembranças que se cristalizam no tempo realizamos uma análise de trechos ressaltados pelos entrevistados que vivenciaram as comemorações juninas no período estudado em que “os discursos orais, os relatos contêm uma alta expressividade subjetiva e pessoal, sendo manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas” (PORTELLI, 1996, p.4).

O aporte teórico de Alessandro Portelli e Michel Pollack que nos darão suporte no que se refere à utilização da História Oral, estes nos oferecerão um forte subsídio no sentido de perceber as vivências e memórias que envolvem as vivências e subjetividades das vivências dos Valencianos que se desencadearam nas festividades juninas na década de 1980.

O trabalho foi estruturado em duas partes. No primeiro capítulo, intitulado de “As festas juninas e suas representações” procuramos discutir as origens, simbologias, rituais, entre outros aspectos relativos a essa festividade, o capítulo aborda ainda algumas características da cidade, relatando alguns aspectos das festas juninas em Valença do Piauí, como as transformações, locais onde haviam aglomerações de pessoas para participarem tanto como brincantes como plateia, analisa também os dois momentos dessas festividades na década de 1980, relatando também a criação de um festival nos últimos anos dessa década, festival esse organizado pela prefeitura, sendo um dos maiores festivais juninos do estado.

No segundo capítulo, intitulado de “Festa e Cidade: relações das festas juninas na cidade de Valença do Piauí na década de 1980”, em que esse capítulo tem como finalidade apresentar a relação da festa popular nos ambientes urbanos da cidade de Valença do Piauí, analisando as festas juninas como aspectos coletivos da sociedade, apontando essa festividade tanto como divertimento, lazer, como também representam aspectos importantes das dimensões da vida em sociedade.

## 2-AS FESTAS JUNINAS E SUAS REPRESENTAÇÕES.

Pesquisar sobre a Festa Junina e a identidade cultural de nossa região foi algo que nos despertou o interesse durante o processo de construção de um projeto de pesquisa que visa estabelecer como se dava essa festividade na década de 1980, na cidade piauiense de Valença do Piauí.

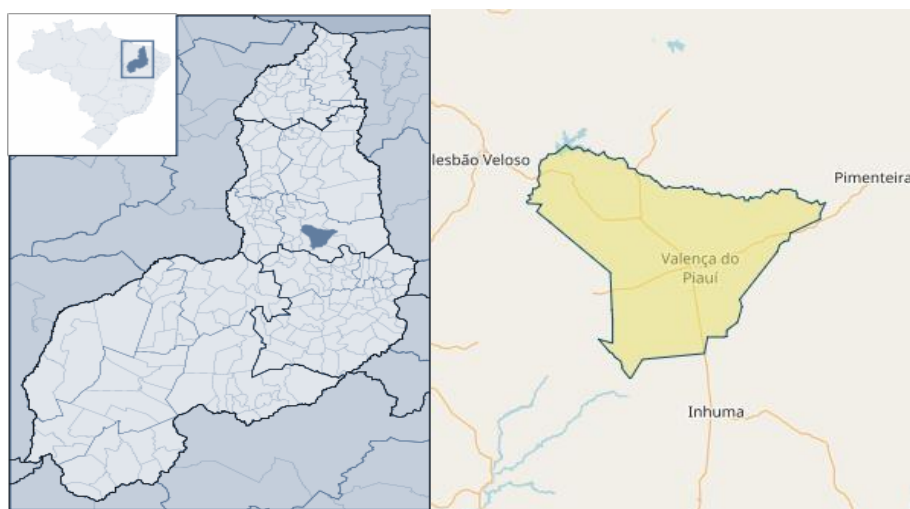


Figura 01: Localização da cidade de Valença do Piauí-PI.

Fonte: IBGE, 2017.

A imagem acima serve para situar aos leitores aonde está localizado o município de Valença do Piauí. Esse município está situado a 220 (duzentos e vinte) km da capital Teresina, localizada na região centro-norte do estado do Piauí. O município tem cerca de 20.558 habitantes segundo o IBGE (2017), e compreende uma área territorial de 1.334,629 km<sup>2</sup> também segundo o IBGE (2016). Atualmente o festival junino da cidade, intitulado como “Arraial do Gorgulho”, nesse ano (2017), acontecerá a 29<sup>a</sup> edição do festival, que se iniciou em 1989 e que permanece até os dias atuais, configura-se como um dos maiores do estado do Piauí.

Por meio das fontes pesquisadas, depoimentos orais, em meio a conversas formais e informais, percebemos a complexidade que eram os festejos juninos no referido município. Por meio de relatos dos entrevistados, foi possível ver o brilho nos olhos dessas pessoas quando falavam a respeito das festas juninas, a memória dos entrevistados nos fez compreender aspectos dessa festividade no município, formando uma memória coletiva da população em geral. Conhecemos então um pouco do que abrangia essa festividade, locais, vestimentas, crenças dentre outros aspectos das festas juninas. A história oral se dá em três critérios



importantes a pesquisa, são eles por meio dos personagens, lugares e acontecimentos, Michel Pollack (1990) nos situa a parti desses elementos capazes de estabelecer memória coletiva. Nota-se também perante as entrevistas que a vida privada quase não se desenrola, quase que desapareceu dando lugar a uma memória mais precisamente coletiva, de acontecimentos vividos em grupo, do coletivo das festas juninas mais precisamente. Pollack (1990) afirma que a memória é seletiva, “[...]bem como os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva, já temos uma primeira caracterização, aproximada, do fenômeno da memória. A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (Pollack,1990, p.203). portanto as pessoas entrevistadas relataram alguns aspectos das festividades juninas em Valença do Piauí, nos ajudando com seus relatos a estabelecermos algo sobre a memória coletiva das festas juninas no seu espaço-temporal.

Nesse sentido, os conteúdos a serem abordados neste trabalho vão desde as origens da Festa Junina, questões de identidade local, símbolos e significados atribuídos à festa. Entre esses símbolos estão a fogueira, os balões, a dança, a culinária, os hábitos e costumes culturais típicos do interior do Brasil, sobretudo valenciano, representados e imortalizados na tradição da Festa Junina, que fez e faz parte da construção da história do Brasil e da formação de seu povo.

Uma das propostas da pesquisa foi investigar a importância dada pelo povo valenciano aos seus costumes e tradições. Sentimos a necessidade de pesquisar mais a fundo sobre o tema das Festas Juninas, a fim de obter algumas respostas sobre suas origens e o significado dos signos que perpassam o tempo e que representam esta festa, bem como dos elementos que compõem a identidade cultural do povo valenciano.

Por meio das pesquisas realizadas sobre o tema, notamos que as festas juninas nos anos 1980, em Valença do Piauí, eram muito aguardadas pela população. Era um momento de festejar, um momento de descontração, que servia também como uma forma de lazer pela população.

Faz-se oportuno ressaltar que o ponto mais importante das festas juninas eram as quadrilhas. As quadrilhas como toda a festividade em si, até início dos anos 1980, eram desenvolvidas com simplicidade, apontando o lado caipira, por meio de quadrilhas matutas, onde as pessoas se vestiam de forma simples. Os nossos depoentes explicaram que não era exigido um figurino padronizado, os integrantes das quadrilhas produziam espontaneamente os seus figurinos. Era comum o uso de chapéus de palha e de roupas remendadas. As fontes

indicam que a intenção maior dos brincantes das quadrilhas era a de se divertir, como afirma Francisca Teresinha dos Santos (2017),

As vestimentas eram vestimentas simples mesmo, não tinham essas alegorias que tinham agora, era a chita estampadinha, os vestidos eram vestidos rodados de babado, tinha o chapéu, que era o chapéu de palha. As roupas dos homens eram calças compridas, camisas estampadas, os próprios chapéus de palha, a gravata estampada também. (SANTOS, 2017).

Podemos perceber por meio desse relato que nos primeiros anos da década de 1980, as vestimentas que eram usadas nas festas juninas eram muitos simples, visto ainda que não era necessária ainda uma padronização das roupas por parte das quadrilhas, pois notamos que essa festividade era tida como momentos de distração e lazer por parte da comunidade em geral.

Podemos perceber também que os festejos juninos geralmente são vistos como uma festa profana, como veremos mais adiante. Por mais que no mês de junho sejam celebrados três santos católicos, Santo Antônio, São João e São Pedro. Teoricamente as pessoas aproveitam a festividade a fim de agradecer aos santos católicos pelas boas colheitas. Esse aspecto se deu com a chegada dos jesuítas no Brasil, que tinham o objetivo de catequizar os indígenas, convertendo-os ao catolicismo. Houve uma espécie de apropriação de cultura em relação com essa festividade, pois, como o mês de junho era a época de colheita, um período em que a agricultura local estava em alta. Essa ligação teve uma relação mais precisamente regional, não configurando ao todo com os objetivos do catolicismo, em relação aos santos do mês de junho.

Desta forma, compreende-se que, apesar da influência externa trazida pelos portugueses, as raízes culturais brasileiras são derivadas de uma pluralidade cultural formada também através da Festa Junina, a partir do momento em que os indígenas passam a se preocuparem menos com o sentido religioso da festa herdado dos europeus e focar mais numa característica regional do país, por meio de alguns aspectos do mês de junho, em que se deu a apropriação de cultura, misturando respectivamente o santo e o profano como pode se notar por meio das entrevistas, pois pela cultura portuguesa se tem a cultuação aos santos do mês junino, mas que o mês de junho no século XVI era tempo de colheita, mesclando a cultura europeia com a indígena, como também com sua apropriação cultural.

## **2.1 Apropriação das festas juninas para a cultura brasileira**

Há uma busca por pesquisas que estudam o tema “apropriação de cultura” principalmente por estudiosos da área da história cultural. Percebe-se que é um termo que traz

consigo um complexo campo de discussões, em que é entendido por muitos como para Chartier(1990) , como aspectos de adoção de costumes ou tradições por meio de alguns elementos estruturais de uma cultura por um grupo social diferente, Muitas vezes é entendido por culturas majoritárias que se sobressaem ou se agregam a uma minoritária, como por exemplo países que foram colonizados por outros países, como aconteceu no Brasil (Chartier, 1990).

Na década de 1980 surgem novos conceitos e concepções que formularam de maneira inerente, quando se fala história cultural. No início dos anos 1990 as concepções sobre apropriações culturais começam a se ramificar, formando debates mais consistentes.

De forma simples e sistematizada a definição que acabe a esse trabalho sobre o conceito de apropriação, pois sabemos que o Brasil foi colonizados pelos europeus sobretudo pelos portugueses então é inerente a apropriação cultural que foram impostas pelos europeus, em que no âmbito desse trabalho sobre as festividades juninas trazida pelos colonizadores mas que ao passar do tempo se tornou um aspecto da identidade cultural brasileira por meio do sentimento de pertencimento a ela estabelecidos pela sociedade em geral, geradas por meio de interações sociais sobre essa festividade.

Muitas vezes o termo apropriação cultural foi visto como uma espécie de “roubo” de cultura ou “invasão”, entretanto esse assunto já vem sendo estudado pela antropologia e sociologia, existindo a partir delas novos conceitos, como o de “empréstimo cultural”, que já são entendidas pela antropologia como um aspecto normal, pois vem sendo considerada como algo natural, de interações de culturas vindas de grupos sociais diferentes, advinda das dinâmicas dos choques culturais tradicionais. Nota-se isso nas festas juninas, quando algumas simbologias e rituais de origem de outros países mesclam com a cultura local, se tornando aspectos integrados formadores de uma cultura, como a diversidade cultural brasileira, advinda de alguns processos de apropriações culturais, que deixou ao longo do tempo de ser considerado como um termo pejorativo, sendo entendido como um aspecto normal, de quando há interações de culturas diferentes.

## **2.2 Alguns aspectos sociais das festas juninas**

Os depoimentos orais indicaram que em Valença do Piauí, no mês de junho, os dias dos santos católicos, eram feriados. Sendo que as festividades eram realizadas na véspera desses feriados, sobretudo na véspera do dia de São João, celebrado em 24 de junho. Causando um momento de grande atratividade para a população em geral.

Essas festividades no início dos anos 1980 eram realizadas em variadas partes da cidade. Um dos locais que mais atraíam pessoas, segundo os depoentes, era a Praça da Bela Flor, perto do olho d'água, nascente do rio Caatinguinha. Um lugar tradicional do município, localizado em um espaço numa parte antiga da cidade.



**Figura 2:** Faixada da quadrilha Bela Flor  
Fonte: Acervo pessoal do Estúdio Foto Marques.

Na imagem acima podemos ver a faixa de uma das quadrilhas mais conhecidas do município nos anos 1980 e 90, na quadrilha da bela-flor, o nome dessa quadrilha se deu pelo próprio nome da praça onde esse grupo junino ensaiava e se apresentava para a população, era uma praça a céu aberto que atraía muitas pessoas sendo considerada por muitos a praça das quadrilhas mais famosas de Valença, e que hoje, com o descaso da prefeitura essa praça se encontra “abandonada”, em péssimas condições físicas, mas que por meio das entrevistas ainda a mesmo se encontra como um espaço de memória coletiva pelas pessoas que frequentavam ela nos tempos em que ela estava sempre recheadas de manifestações culturais, configurando-se como um espaço de memória coletiva.

Outro local onde se realizavam apresentações juninas era no colégio Santo Antônio, uma escola tradicional da cidade fundada em 1959 pelo padre Marques falecido no ano passado (2016). Na primeira metade dos anos 1980, a depoente dona Francisca Teresinha Ferreira era a diretora dessa escola, e por meio de seu depoimento revelou que teve a preocupação de levar as festas juninas para a escola, se tornando uma grande festividade, trazendo muitos curiosos a assistirem as apresentações de quadrilhas.



**Figura 3:** Festival de quadrilha na quadra do colégio Santo Antônio

Fonte: Acervo pessoal do Estúdio Foto Marques.

Por meio da imagem podemos notar alguns aspectos físicos desse local aonde também aconteciam diversas festas juninas, na imagem podemos ver um pouco da Unidade Escolar Santo Antônio. Aonde a quadrilha está se apresentando é uma das quadras da escola, a mais antiga, aonde lá tinham diversos movimentos culturais no período em questão, ao fundo podemos ver um pouco das instalações do prédio antigo da escola. A imagem ainda mostra ao fundo no lado esquerdo, a mesa de jurados responsáveis por avaliar os grupos juninos que ali se apresentavam. No lado direito podemos ver a grande estrutura de som que era instalado para as características musicais que as quadrilhas necessitavam. A imagem que data do ano de 1990, já podemos ver por meios das vestimentas dos dançarinos a preocupação de estarem bem caracterizados e de uma forma uniforme, uma preocupação que estava entre os grupos desse período.

Esses foram os locais de festas juninas que mais chamavam a atenção do público no início dos anos 1980. No início desta década os brincantes das quadrilhas não estavam muito preocupados em concorrer, mas sim como meio de diversão. Já em 1985 surge a dinâmica da concorrência. A partir desse ano começaram algumas transformações, no que diz respeito a uma maior preocupação com as apresentações, deixando de ser um mero divertimento e tornando-se cada vez mais bem formuladas e ensaiadas. Passou a haver a preocupação de atingir a

perfeição por parte dos organizadores, como relatou a senhora Francisca Rodrigues dos Santos (2017), conhecida por Dona, em que ela era da organização de uma das quadrilhas mais tradicionais dessa época, chamada “matutos da noite”. A depoente relata que os ensaios ocorriam todos os dias da semana pela noite, pelo ao menos um mês que antecedesse a época junina, para que a quadrilha pudesse alcançar uma boa colocação nas competições juninas. Nota-se por meio dos depoimentos, a preocupação de ficar bem colocado nas competições de quadrilhas. Os grupos juninos ensaiavam regularmente para obterem performances novas e que deixassem o público e os jurados maravilhados com as apresentações. Iniciando-se a cultura da concorrência, que existe até a atualidade.

Ano após ano as concorrências ficaram cada vez mais acirradas. Hoje em dia, com essa grande competição, os grupos juninos logo após o carnaval já começam a trabalhar intensamente para se prepararem para as competições nos meses de junho, que perduram até o meio do mês de julho. Esses fatos indicam a grande importância dessas festividades juninas para a sociedade em geral da cidade de Valença do Piauí.

A organização das apresentações das quadrilhas, na década de 1980, ocorria de forma improvisada pelos próprios brincantes. A Prefeitura Municipal de Valença do Piauí passou a organizar essas apresentações apenas em 1989, na gestão do Prefeito Francisco de Assis Alcântara, na sua gestão de 1986 a 1990, por meio de sua Secretaria de Cultura. A então Secretária de Cultura Ineide Lima Verde, organizou o primeiro festival de quadrilha do município de Valença do Piauí, na Praça do Xerém, isso se deu quando a prefeitura notou que essa festa estava crescendo a cada ano, e buscou realizar um festival organizado pela própria prefeitura. Essa praça onde aconteceu o início do festival desenvolvido pela prefeitura ficava situada no centro da cidade, no mesmo local onde atualmente se desenvolve a feira municipal, tendo esse nome relacionado às feiras ao ar livre que acontece até hoje durante os sábados.

Por meio de uma conversa informal com a dona Ineide Lima Verde, que na época foi a responsável pela criação desse festival, ela informou que as apresentações das quadrilhas aconteciam na Praça do Xerém porque era o maior espaço da cidade que poderia atender a população. Ela relatou que o município naquele período não possuía grandes espaços de festas. Então, no ano de 1989 deu início ao festival de quadrilha realizado pela Prefeitura, intitulado “Arraial do Gorgulho”, vindo a se expandir, ocorrendo a explosão dos grupos juninos. Esse nome “Arraial do gorgulho” se deu por causa das feiras ao ar livre, e gorgulho estaria relacionada aos populares por se tratar de uma festa com as camadas populares do município, ou seja, festas realizadas e destinadas ao público em geral.

As festas juninas marcam um período de celebrações. Mesmo que aconteça no Brasil inteiro, existem algumas especificidades locais e regionais. Essas festividades atravessaram os espaços rurais tradicionais através de agregações e apropriações, como os festivais juninos realizados nos espaços urbanos.

De início é importante considerar as práticas sociais que envolvem as festas juninas. Essas práticas vão além de suas representações religiosas na celebração de santos ou em agradecimento por boas colheitas. Elas também podem ser entendidas como formas de lazer da população, sendo uma forma de recreação e divertimento para a público em geral. Era algo incomum, algo que somente o mês de junho proporcionava. Uma época de grande importância cultural, sendo visto como um patrimônio imaterial da população, sendo um momento que a sociedade exercia práticas sociais de acordo com as raízes culturais da sociedade, configurando-se um período que havia grande envolvimento de pessoas, formando diversos aspectos afetivos que se davam no âmbito social.

A pesquisadora Lúcia Helena Vitalli Rangel (2008), em seus estudos, apontou os começos da realização de festejos juninos no Brasil. Ela explica que,

Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram ainda o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os Jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. Mesmo que no Brasil, essa época marcasse o início do inverno, ela coincidia com a realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam, referentes à preparação dos novos plantios e das colheitas. (RANGEL, 2008, p. 21).

Por meio da citação acima nota-se um entendimento em que o Brasil se apropriou de forma muito situada dessa cultura dos festejos juninos, por meio de raízes históricas enraizadas na cultura por meio de alguns aspectos brasileiros. Isto é, como era a época da colheita, essa apropriação seguiu de maneira um pouco oposta ao que os jesuítas queriam impor, que era principalmente a cultura de exaltação aos santos do mês de junho. E que nesse período os indígenas estavam ligados de forma mais relacionadas com a agricultura, principalmente de subsistência. Sendo a respectiva fogueira citada, em que a autora relata que a fogueiras feitas pelos jesuítas com o objetivo de se agradecer os santos, mas que além desse motivo havia também as condições climáticas existente naquele período. Pois como sabemos o mês de junho marca o início do inverno, tendo a fogueira entre outras funções religiosas, também a função de aquecimento por parte dos jesuítas e indígenas. Quando falado em apropriação de cultura é desse fator da mesclagem de práticas, sagradas e não sagradas relacionando-se em si mesmas.

A partir do final dos anos 1950 em Valença do Piauí, os festejos juninos ganharam mais representações estéticas. Um exemplo disso se deu com o surgimento das quadrilhas coreografadas. Em uma entrevista com a senhora Etevalda Maria de Oliveira (2017), ela relatou que a primeira quadrilha coreografada de Valença do Piauí aconteceu no ano de 1958.

Pois bem, era no ano de 1958, o meu sogro, pai de Eustácio, “senhor de Didito”, era presidente da festa de São Benedito e aí como atração, orientado por quem eu não sei, porque ele não era homem metido com coisa assim de festa, era da igreja, resolveu fazer essa quadrilha, quem sabe dançar quadrilha, não tinha em Valença ninguém que soubesse, então em contato dele também não sei com quem ele descobriu um senhor de Picos que sabia gritar quadrilha, então esse senhor vinha todas as semanas pra ensinar os passos de quadrilhas, coreografia ninguém tinha nem ouvido falar no nome, era os passos, os passos da quadrilha, aí pegamos uma turma de mais ou menos 16 pares e começamos a ensaiar essa quadrilha, os passos tão simples tudo tão simples mais todo mundo ficou entusiasmado tanto pra brincar como pra assistir, aí lá se foi essa festa no “terreiro” da casa de seu Didito, perto da Igreja Matriz. (OLIVEIRA, 2017).

E que desde então essas formas de representações vêm se perpetuando a cada dia, gerando interações sociais, pela forma lúdica de socialização. As quadrilhas se tornaram a peça junina fundamental para esses festejos brasileiros. A quadrilha constitui-se como um aspecto lúdico dessa festividade, uma maneira de reafirmação dos laços sociais, como da construção do convívio e de muitas outras formas de sociabilidades. Essas danças foram ao longo do tempo propagadas como danças populares, apropriadas no contexto do convívio social, dentre outras maneiras de sociabilidades.

Na contemporaneidade, durante as últimas décadas do século XX, os festejos juninos aderiram a uma maior conceituação no âmbito urbano, no qual antes era um aspecto rural. Passaram a ter grandes proporções de participantes nos contextos sociais dos centros urbanos, como o estudo em questão, sobre as festas juninas no município de Valença do Piauí na década de 1980. Nesta cidade piauiense houve um momento de reapropriação das festas juninas nos espaços urbanos onde foram surgindo novas formas de existência, relacionadas com o cotidiano e as sociabilidades da população. Visto que essas atividades juninas quebravam o cotidiano da cidade inserindo-se ao mesmo tempo, por meio da dedicação para que essas festas acontecessem.



### 2.3 Aspectos lúdicos da festividade

Entre os espetáculos juninos com suas simbologias, realizados na cidade, os que têm maior representatividade que são, portanto, as danças de quadrilhas, pois esta é a marca principal desses festejos. Essas danças são responsáveis pelo aspecto recreativo e pela expressão, tanto religiosas quanto profanas. Desse modo compreende-se a quadrilha junina como um produto cultural de expressão artística. A população criou gosto por essa dança que se tornou popular, por ser uma forma de recreação, como também pelas manifestações culturais em si que eram atraentes a população.

As quadrilhas juninas estão relacionadas com uma musicalidade específica. Os principais instrumentos musicais utilizados são a sanfona, o triângulo e a zabumba. Os usos desses instrumentos em conjunto formam os emblemáticos ritmos que envolvem as quadrilhas juninas, como os típicos forró, xaxado e baião. A depoente Francisca Teresinha Ferreira relata que:

As músicas, as músicas eram as de Luiz Gonzaga, aqui em casa e onde nos organizávamos, que era no santo Antônio era um sanfoneiro, quer dizer, na maioria das vezes eram só sanfoneiro, mas tinha vez que tinha zabumbeiros e as vezes homens que tocavam triângulo, ai na hora do casamento era engraçado, o sanfoneiro tinha que prestar atenção pois ele fazia uns sons quando era na hora do casamento da quadrilha, a noiva fazia escândalos as vezes, era aquela loucura, chorava, encenando o casamento, era muito bom, todo mundo que estava assistindo achava uma graça, ficava todo mundo prestando atenção. (FERREIRA, 2017).

Por meio desse relato observa-se a importância da parte musical para o âmbito das festas juninas, os ritmos do forró, xaxado e baião eram a parte musical que envolvia essas festas, se configurando como um aspecto de extremamente importância, visto que esses estilos musicais faziam com que as festas tivessem uma maior interação com o que o público gostava, sendo um importante aspecto dessa festividade.

Na contemporaneidade surgem outros ritmos e “inovações” para as quadrilhas, tornando-as mais estetizadas, ou seja, trazendo novas características atualizando-as em diversos aspectos, como por exemplo nas vestimentas, pois que de início eram livres os trajes das quadrilhas, sendo geralmente associadas ao “matuto”, e hoje apresentam muito glamour, sendo muitas vezes vestimentas bem caras.

Os depoimentos orais analisados informam que a partir do ano de 1985, em Valença do Piauí, se iniciou a cultura da competição, levando as quadrilhas a um treinamento mais rigoroso. Fato esse vindo da vontade de chegar perto da “perfeição”, como explica Ricardo Cruz Macedo (2015) em seu trabalho sobre a vida juvenil nas quadrilhas juninas,

Os intensos trabalhos de aprimoramento dos passos coreográficos, realizados nos constantes ensaios nas quadrilhas juninas, também colaboram para a construção estética do sentido de produto cultural a ser visibilizado nos espetáculos juninos. Os corpos dos quadrilheiros são enfileirados, alinhados e metricamente distribuídos nos espaços de dança, esboçando a harmonia entre ritmo musical e movimento corporal. Exige-se sorriso no rosto como forma de externar a felicidade da dança e olhar fixo ao público. (MACEDO, 2015, p. 14).

No período indicado, ficou evidente a existência de um interesse em competir, por parte das quadrilhas. Os melhores grupos de quadrilhas eram avaliados por meio de jurados técnicos, que eram pessoas do meio junino ou pessoas que tinham prestígio social na cidade. Eles tinham que levar em conta diversos aspectos das apresentações, como sintonia, vestimentas, simbologias das apresentações, entre outras características. Essas quadrilhas também eram avaliadas pelas plateias em questão. Assim, cabia aos responsáveis das quadrilhas a cada ano trazerem “novidades”.

Então, quando falamos em festas juninas, e destacando o espaço em que a pesquisa está relacionada, que é em Valença do Piauí, surge saberes relacionados com essa festividade, que atravessam muitos aspectos ao longo do tempo, relacionando suas simbologias que se relacionam com o tema, como por exemplo, a dança, música, comidas, como as demais celebrações de rituais.

Assim, as festas juninas podem ser consideradas como manifestações culturais, onde o povo expressa suas crenças sobre seus santos, seus rituais de agradecimento à colheita, entre outros objetivos. Portanto essa data comemorativa é tomada por manifestações sociais, pois as quadrilhas podem ser vistas como uma forma que um povo procura exteriorizar por meio de aspectos lúdicos, manifestações sociais, mantendo suas crenças sobre seus santos, rituais, sua agricultura, sobretudo suas datas comemorativas delineando seu espaço com seus aspectos populares relacionado ao âmbito cultural. Resultando com o passar do tempo em modificações dos costumes, sintetizadas nas tradições de um povo. Sendo que essas manifestações não são intactas ao tempo. A pesquisadora Samanta Carvalho explica que:

[...] com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não. (CARVALHO, 2007, p. 66).

É importante entender as transformações que ocorrem nas manifestações populares, pois as “renovações”, não podem ser deixadas de lado. Elas acompanham a sociedade, nos seus mais diversos modelos, estando juntamente com a sociedade, se remodelando a partir de novos conceitos ou afirmações que possam vir a surgir. Essas manifestações populares não estão prontas e acabadas, mas sempre sujeitas a remodelações que estabelecem as dinâmicas culturais existentes.

Em se tratando das festas juninas como manifestação popular e religiosa, entendemos que nesses festejos não são observados somente os rituais, mas também as relações sociais que ocorrem durante essas formas culturais. A partir dessa festa popular, pessoas criam laços de convivências, no contexto de estar junto com outras pessoas, trocando relações humanas, aspecto fundamental para a vida em sociedade. Como afirma a pesquisadora Samanta Carvalho (2007) ao explicar que essas festas são alguns momentos sociais no qual há a troca de laços de solidariedade, por meio das sociabilidades, se unindo de uma forma harmônica, ocorrendo interações onde constroem suas identidades sociais. Essas festas acontecem nas ruas ou praças como em outros lugares populares. Espaços onde sugerem as ações coletivas da população.

É interessante observar o quanto as práticas, os rituais, a música, a dança, as comidas, através das festas e celebrações, são representativas das culturas populares, pois é a partir dessas características que permitem entender como se dão esses movimentos culturais. As práticas culturais, rituais ou simbólicas através das repetições ano após ano impõem certos valores e normas dando continuidade às práticas do passado. Desse modo as festividades reproduzem os rituais passados, reforçando as tradições, permeando comportamentos como também criando novas práticas culturais. É aí onde ocorre uma certa transformação das festas, como por exemplo, a transformação das festas juninas nos anos 1980, para a cultura de competir. Dessa forma, falar de manifestações populares locais ou regionais, significa falar das formas de expressão da cultura de um povo, traduzindo por meio das festas, simbologias que acompanham e identificam um lugar ou espaço, passando por alguns hábitos que a sociedade dispõe.

As manifestações culturais, advindas das festas ajudam a manter uma identidade, sem deixar de lado outras características a serem incluídas nessa identidade local, e que alguns autores como Roger Chartier (1990), que acredita na mudança por meio das interações humanas, relatando que essas modificações são aspectos da vida contemporânea, pois a população sente a necessidade de se “atualizar”, colocando em jogo novas práticas culturais, sendo vista pela antropologia não como um aspecto negativo somente em si, passando a ser entendida como uma característica da reprodução social, aspecto inegável nos contextos sociais.

Nas festas juninas por meio de entrevistas os depoentes relatam sobre essas modificações dos costumes da sociedade, que refletiram nas produções das festas juninas, como afirma a senhora Francisca Teresinha Ferreira,

Antes era mais perto das coisas de matutos mesmo, hoje em dia tá tudo mudado. Agora é competição pesada mesmo, ensaiam 3 ou 4 meses antes, as roupas também são diferentes, cada qual quer sair mais rico, não deixam a vontade igual era antigamente, naquele tempo os matutos sendo a gente, gostava de botar umas fitas no cabelo, flor no cabelo também o povo botava, hoje em dia uma jovem dessa não quer, vai é no salão e manda fazer o cabelo, a gente não tinha toda essa facilidade que essa garotada tem hoje. (FERREIRA, 2017).

Notando-se por meio desse relato da depoente, das transformações de costumes e como refletiram nas festas juninas.

Com uma leitura, sobre as teorias de Chartier, que trabalha com culturas populares, em que o autor afirma em sua obra “A história Cultural: entre práticas e representações” (1990) que a cultura popular representada nas festas, com suas crenças, hábitos, rituais e costumes configuram-se como patrimônio cultural de uma cidade. Essa cultura geralmente é revelada no cotidiano, nos ritos, celebrações, danças folclóricas, culinária dentre outras características que seu espaço ou lugar possui. E, são suas peculiaridades que a torna singular, figura-se como uma identidade imaterial, que constitui em forma de pertencimento, construindo identidades, pois com base em leituras as expressões culturais e um espaço dialogam entre si.

As práticas culturais, quando exercidas em um grupo social, consolidam-se como uma espécie de referência a um grupo ou região. Logo então as festas juninas por meio de suas representações têm um papel fundamental quando se fala de patrimônio cultural e também atua na acentuação do sentimento de pertencimento por parte das pessoas.

A historicidade da festa junina, que como já vimos, é um importante aspecto de cultura popular, em que nela existem diversas simbologias empregadas no seu desenrolar, manifestando suas características que o identificam com o espaço. Por meio de pesquisas, vimos que a festa junina, como o carnaval, constitui-se como uma das maiores festas populares do Brasil. Essa festividade é marcada pela alegria e como também pela proximidade das relações sociais, como também pelo pertencimento dos moradores de uma região, e como característica exaltando todos os rituais e superstições que giram em torno do mês de junho, fazendo com que os brasileiros transformassem esse período em um dos mais favoritos em todo o país pela população em geral.

## 2.4 Simbologias juninas

Pelas simbologias que há em torno dessas festividades, sobretudo de elementos religiosos, existem algumas a se ressaltar. Uma delas, as quadrilhas juninas, em que Luciana de Oliveira Chianca (2008) relata que surgiram na França, por isso se explica o nome de alguns passos de quadrilha trazendo uma espécie de francês abrigado. Como percebe-se pelos nomes dos passos, mas que é derivada de uma dança inglesa, de origem camponesa, chamada de “campesine”. Essa dança foi trazida pelos portugueses, ao Brasil, na época da colonização, vista também no processo de catequização dos indígenas, já que é parte da exaltação de três santos católicos. E com a chegada da família real no Brasil, que consigo trouxeram inúmeras práticas, como também inúmeros festejos, e dentre esses festejos, as festas juninas com danças que eram populares na sociedade europeia no século XIX.



**Figura 4:** Primeiro Festival de quadrilhas na praça do xerém.

Fonte: Acervo pessoal do Estúdio Foto Marques.

Podemos ver na imagem acima, como aconteciam as festas de quadrilhas, já no final da década de 1980, quando as festas já estavam cada vez mais se transformando, tomando conotações mais modernas, como podemos ver as bandeirolas como aspectos decorativos, ao fundo podemos ver também dezenas de pessoas assistindo a quadrilha em questão, no primeiro ano do festival de quadrilhas de Valença do Piauí, arraial do gorgulho. Esse local em que se dá essa foto é na praça municipal do xerém, aonde começou o festival junino realizado pela prefeitura municipal e que mais tarde foi mudado de lugar em mais de duas vezes. Mas que de início se deu lá nessa praça no centro da cidade, em que esse festival geralmente acontecia no

início de julho, isso para que desse tempo das quadrilhas se apresentarem em suas sedes durante o mês de junho.

Alguns estudiosos que estudam a cultura popular afirmam que tais danças chegaram aqui por meio dos europeus. As origens das danças de quadrilhas vieram das festas de salão da alta sociedade francesa. Como afirma Chianca (2008), quando fala que as roupas utilizadas para a prática da dança eram muito elegantes, típicas da nobreza, belos vestidos estruturados para as mulheres e roupas nobres para os homens. A quadrilha popularizou, no final do século XIX, principalmente nas áreas rurais, o que explica seu estilo caipira praticado até hoje em algumas regiões, pois quando estas danças foram introduzidas nas comunidades sobretudo rurais, passou-se a assimilar características regionais.

A quadrilha não é apenas uma dança junina e símbolo folclórico, mas também é visto como um movimento de integração coletiva, que envolve a população no aspecto social. Uma característica da quadrilha e que traz consigo a tradição das representações do casamento matuto como representações tidas nas danças. As coreografias são as partes em que mais chamam a atenção nas quadrilhas, os passos às vezes anunciados pelo marcador, geram euforia entre o público. Nas quadrilhas de estilo matuto, os participantes usam roupas típicas rurais, os homens e mulheres formam filas em pares alternados seguindo passos básicos como “anavantu”, “anarriê”, “balancê” entre outros. Também há os “olha a chuva” e “a ponte quebrou”. Se configurando como um grande show para a plateia e para os participantes, além de trazerem aspectos de humor mostrado em suas encenações, incluindo o casamento matuto, onde a dança representa o baile em comemoração ao casamento, ao som e características da vida rural.

Outra simbologia a cerca dessa festividade são os rituais em torno do fogo. A fogueira tem vários objetivos, como aquecer, como para práticas de rituais religiosos, rituais pagãos, festas dentre outros. De acordo com a tradição católica, a fogueira queimou, nas montanhas da Judeia, para anunciar o nascimento de João, no dia 24 de junho. Foi a forma que sua mãe Isabel encontrou para comunicar a chegada do filho à Maria, sua prima, que também estava grávida e seis meses depois daria luz a Jesus. Segundo Luciana Chianca (2008.p.18), tais feitos conferiram a João Batista um lugar de honra entre os santos católicos: ele é o único do qual se comemora, assim como Jesus, o dia do nascimento e não o da morte, como os demais santos, tendo as festividades do mês de junho referenciando seu nome, chama também de festas joaninas (CHIANCA, 2008).

Porém antes da evangelização na Europa, na Idade Média, segundo Chianca (2008) as fogueiras eram utilizadas em rituais pagãos, que celebravam a chegada do solstício de verão no

Hemisfério Norte. Como uma maneira de dar novo significado às práticas pré-cristãs, a exemplo dos cultos ao sol e a lua relacionados à vida agrícola, o dia 24 de junho foi incorporado ao calendário cristão, como comemoração ao nascimento de São João Batista. Reza a tradição popular que, para cada santo junino, a fogueira tem de ser armada de uma determinada maneira: a de São João deve ter uma base arredondada, já a de Santo Antônio deve ser quadrada e a de São Pedro, triangular.

Existem muitos aspectos sobre a representação da fogueira, uma que foi relatada nas entrevistas é o batismo em torno da fogueira, em que essa era um meio de estabelecer laços de compadrio. Como afirma seu Francisco Eustácio de Oliveira (2017) em uma entrevista com ele e sua esposa dona Etevalda Maria de Oliveira, em que ele relatou o seguinte fato:

Eu tenho uma afilhada de São João, de fogueira, em que ela foi lá em casa me pedir que queria que eu fosse lá na casa dela na noite de São João pra pular fogueira com ela para ser padrinho dela, ai eu fui, era lá perto do oi d'agua ai quando eu cheguei lá uma fogueirona muito bonita, tinha muita gente lá ai "pegamo" um pau aceso ai ficou um de cada lado "pegado" na mão ai falamos as palavras né, : São João disse São Pedro confirmou pra você ser minha afilhada que são João mandou, ai ela respondeu : São João disse são Pedro confirmou pro senhor ser meu padrinho que São João aceitou, ai passava por cima do fogo segurando na mão passava três vezes, ainda hoje ela me tem como padrinho, onde ela se encontra, onde tiver, ela vem me pedir a bença me abraça, ontem mesmo foi a "derradeira" vez que eu encontrei com ela no xerém, eu nem tava esperando de repente ela chegou: oh meu padrinho não sei o que..., ai foi pedindo a benção e me abraçando. (OLIVEIRA, 2017).

Por meio desse trecho da entrevista nota-se o quanto era importante e respeitada esse ritual. Era uma maneira de estabelecer laços com pessoas em que se tinham alguma espécie de afetividade. O batismo de fogueira era uma modalidade de integração social da sociedade. Esse ritual era realizado na noite de uma das datas juninas (Santo Antônio, São João, São Pedro), visto por muitos como um aspecto social do cotidiano durante o mês de junho. Por meio desse ritual em torno do fogo, criavam-se laços sociais de uma comunidade, considerados laços tão fortes quanto os de sangue.

Os rituais em torno do fogo são vários. O fogo espantaria segundo as crenças alguns demônios da fome, como também o frio e a miséria, sendo também um gerador da vida, como no caso de exaltação dos santos do mês de junho, dentre outros aspectos. Tendo entre outras características das fogueiras, também a finalidade de aquecimento, com base de que o mês de junho configura-se como um mês frio, usando o calor das fogueiras para se aquecerem (CHIANCA, 2008).

Com relação às comidas dessa época, pela historicidade das festas juninas também são aspectos das tradições populares, remetem a agricultura de subsistência indígena. Melo Morais

Filho (2002, p. 85) autor de uma obra sobre o tema das festas populares afirma que “Quando vieram para o Brasil, no século XVI, os portugueses desejavam manter o costume de festejar, mas aqui não havia produção de trigo. O jeito foi fazer a festa com um grão muito consumido pelos nossos índios: o milho”. Então, percebe-se que o milho, visto como o “grão dourado” teve grande importância para a culinária em questão, sendo o mês de junho o período de colheita desse grão. O milho, com base no autor, precisa de muita água para perpetuarem, daí surgem os rituais de agradecer as chuvas dos meses que antecedem o mês de junho, necessitando agradecer as divindades por meios de rituais.

Portanto, as comidas referentes as festas nos meses de junho e julho têm como aspectos principais alimentos à base de milho, como o próprio milho cozido, canjica, pamonha, bolo do milho dentre outros alimentos derivados do grão. Existem ainda outros alimentos que fazem parte da tradição como o bolo de fubá dentre outras comidas que fazem alusão as tradições das comidas típicas das festas juninas, perpetuadas ao longo do tempo. As pessoas entrevistadas informaram que existiam sim os elementos culinários. Mas relatam também que quem era responsável por essas comidas eram geralmente as barraqueiras que andavam de festas em festa vendendo suas comidas. A depoente Francisca Teresinha dos Santos, conhecida por “Dona” relatou que.

As comidas eram comidas típicas da época ne, que eram pamonha, abóbora, bolo de milho, o próprio milho cozido e assado, para isso tinham as barraqueiras que andavam nas festas vendendo comidas, porque eu me preocupava com a organização da quadrilha em si, como a escolha dos passos, dos participantes, quem tomava de conta das comidas eram as barraqueiras mesmo. (SANTOS, 2017).

As festas juninas tem portanto, o alimento como um importante alimento de identidade cultural dessa festividade, estando ela associada de maneira situada a comida dessa época, e que por ser uma festa muito associada a comida, acaba sendo aspecto de memória coletiva, essas comidas que que como já vimos são a base de milho.

As festas juninas de Valença do Piauí por estarem atreladas a uma urbanidade penetram nos espaços da cidade e dialogam com seu cotidiano(CERTEAL,1994), destacando-se como um bem imaterial da cidade. Em que por mais que as festas juninas tenham no Brasil inteiro, mas que em cada localidade tem sua individualidade regional, quando relacionadas com o tempo e espaço a que ela está relacionada. Os estudos sobre as festas populares como esta, tem um caráter muitas vezes antropológicos ou sociológicos, por meio de algumas pesquisas, ter como objeto de estudo festas populares é algo novo no Brasil, mas que atualmente há no Brasil uma grande preocupação sobre as festas populares.



Portanto, essa pesquisa visa estabelecer as festas juninas como portadora de construções de laços de cidadania, trazendo aspectos sociais e culturais. As festas podem ser vistas como ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um acontecimento de união da realidade das comunidades envolvidas. No sentido de avaliar seu potencial como formadora da cidadania, da conscientização e da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquela manifestação. Esse ponto de vista é defendido por Maria Nazareth Ferreira (2006), quando afirma que,

Do ponto científico, a festa é um singular objeto de estudo, contemplado por especialistas de todas as correntes. É tão significativa para o homem, como ser comunicativo e social, que se pode afirmar que não existe sociedade humana sem festas, assim a festa sendo como é uma categoria de cultura é um espelho no qual um ser humano se repete, buscando respostas para sua condição de precariedade frente à vida. (FERREIRA, 2006, p. 3).

Portanto, entender as festas, sobretudo populares como um pilar de grande importância quando se fala de identidades culturais de uma sociedade. Então, nossa proposta é discutir o cotidiano como também as sociabilidades nas festividades juninas de Valença do Piauí nos dois momentos da década de 1980. Para nos auxiliar nesse objetivo, temos como base as reflexões de Maria Nazareth Ferreira (2006), quando afirma que,

A festa deve ser vista como um conjunto de atos cerimoniais de caráter coletivo pela sua colocação dentro de um tempo delimitado, tido como "diverso" da cotidianidade. Em qualquer tipo de festa, o grupo ou a comunidade interrompe o tempo ordinário para entrar, coletivamente, na dimensão de um tempo carregado de implicação cultural e de conotação psíquica própria, diferente daquele tempo ordinário ou cotidiano. Esse aspecto poderá ser identificado nas festas populares de qualquer região. (FERREIRA, 2006, p.12).

Dessa maneira, abordaremos no próximo capítulo, as festas juninas como um aspecto identitário, relacionando as festas juninas com o contexto urbano da cidade de Valença do Piauí, associando as relações cotidianas da sociedade valenciana na década de 1980.

### **3. FESTA E CIDADE: RELAÇÕES DAS FESTAS JUNINAS NA CIDADE DE VALENÇA DO PIAUÍ NA DÉCADA DE 1980.**

Algumas datas comemorativas reinventam o cotidiano de uma região, como é o caso das festas juninas, mudando durante esse período o ritmo regular do cotidiano da cidade, promovendo a sociabilidade e o sentimento de pertencimento como também identidade do povo de uma região. No caso em questão o município de Valença do Piauí, em que além disso, possui inúmeros outros aspectos, como o social, o político e o econômico que relaciona as festas com a cidade. Michel Pollack (1990) afirma que, “Além dos acontecimentos e dos personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.” (Pollack.1990, p.203). Por meio dessa convicção nota-se a importância dos espaços como construção da memória de uma sociedade no seu espaço-temporal.

Como já foi abordado, o município de Valença do Piauí localiza-se a cerca de 220 quilômetros da capital Teresina, é considerada uma cidade de médio porte no Piauí, sendo umas das cidades mais antigas do estado com 257 anos de emancipação. Esse município tem cerca de 20.588 mil habitantes IBGE (2017) tendo uma área territorial de 1.334,629 km<sup>2</sup> segundo o IBGE (2016). O município tem como principal fonte de renda provinda de seu próprio comércio, que movimenta a cidade e seus arredores.

No dado município, nos anos da década de 1980, era uma cidade que se desenvolvia no seu meio urbano. A cidade crescia economicamente e espacialmente. E com isso diversas manifestações se perpetuaram pelos espaços da cidade, como o do estudo em questão das festas juninas no município. Nessa década já era muito comum as representações tidas em alguns espaços culturais. As festas juninas já se configuravam como uma data festiva no ano em que a população se modificava para atendê-la, remodelando-se no seu cotidiano e modos de usarem seus espaços, para se fazerem acontecer essas manifestações culturais.

#### **3.1 Estudos sobre festas populares**

Nota-se que esse campo de pesquisa, que tem como objeto de estudo as festas populares, é um campo considerado fértil de investigação. As festas populares são objeto de estudo de diversos pesquisadores, trazendo aspectos estudados pela história, antropologia, sociologia dentre outras ciências sociais. Essas pesquisas tem o objetivo de estudar sobre as relações coletivas de uma sociedade, em que sempre levantou discussões dos estudiosos sociais e

culturais, em que muitas vezes eram e ainda são cercados por dúvidas quanto a maneira de como abordar as festas. Por esses e outros aspectos, surgem questionamentos sobre essas relações sociais, em que as festas permaneceram por algum tempo quase que exclusivamente como objeto de estudo aos memorialistas e folcloristas, mas que no entanto, nas últimas 3 décadas vem surgindo um grande número de trabalhos científicos que usam das festas como objeto de estudos em que ao longo do tempo teve formas de abordagens muito complexas, se politizando e colocando tais manifestações como aspectos fundamentais quando se fala de sociabilidades, com todas suas subjetividades relacionadas a essa socialização, sejam elas, os conflitos e tensões sociais, e serem vistas sobretudo uma forma de socialização entre a população.

Michel Vovelle (1991) afirma que os estudos sobre festas populares são de grande importância na historiografia quando ele fala que na Europa, pesquisadores, influenciados pelos estudos sobre mentalidades nos anos 1970 do século XX, passaram a se dedicar à análise sobre rituais, festas, devoções, fenômenos religiosos, temas antes pesquisados apenas por antropólogos e etnólogos. Ele afirma também que no Brasil, o interesse dos estudiosos sobre o tema festa, ganharam impulso a partir do final dos anos 1980, tomando em questão na dimensão que esse objeto de estudo estava se configurando. Também é importante ressaltar que na década de 1990 começaram a surgir muitos trabalhos científicos acerca do tema festas, muitos desses trabalhos vieram de diferentes programas de pós-graduação de algumas universidades públicas brasileiras, que tinham a festa como objeto de estudo, em que esse interesse de estudiosos brasileiros acerca do tema das festas fez com que nos anos 2000 esse tema se expandisse de maneira positiva para a historiografia brasileira.

Segundo o sociólogo alemão Georg Simmel (1991), a sociedade é fruto das interações dos indivíduos, e para ele a festa retrata muito bem como se dão esses laços sociais, pois ele afirma que as festas servem como forma para observar diversos aspectos, tanto sociais como culturais, que são frutos ou produto das festas populares, religiosas ou profanas, relacionando com questões como a vida urbana, diversidade, memória, identidade como também conflitos que ela pode gerar, mostrando toda a complexidade das manifestações festivas vistas como fenômenos sociais. Guilherme Guimarães Leonel (2008) fala em seu artigo intitulado como: “Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos”, que as festas:

Ora sendo vistas como mero divertimento, ora como excentricidades da vida social, ou mesmo como sobrevivência de certos arcaísmos tradicionais, as festas, com sua desordem, confusão, indefinição de fronteiras, sempre trouxeram aos estudiosos da

sociedade e da cultura certo atordoamento, por não saberem eles como tratá-las e abordá-las. (LEONEL, 2008. p.02).

Esse trecho mostra a complexidade de como a festa era vista ao longo do tempo, com suas relações profanas quando ele fala que as festas ora eram vistas como apenas divertimento, outra hora como característica da vida social, como em outros momentos como aspectos das tradições e religiosos. Então, a festa tem vários aspectos a serem discutidos, e muitas vezes elas mesclam o sagrado e o profano a fim de que essas duas características se misturam em alguns momentos, trazendo relações cada vez mais contínuas. Mas que sem dúvida que vínculos sociais são gerados nas celebrações culturais, promovidas pelas festas. Mircea Elíade (2010), relata em sua obra intitulada “ O sagrado e o profano: a essência das religiões”, em que ela afirma que a sociedade em geral já tem enraizada em si mesmas algumas características sagradas, e que ela afirma ainda que mesmo os indivíduos estando em um momento de relações vistas como profanas, elas ainda levam consigo aspectos sagrados, já enraizados na sociedade mesmo quando se fala de momentos vistos como divertimento, como das festas juninas, quando os depoentes relatam que essas festas não tinham muito haver com o catolicismo, sendo vistas como formas de lazer e divertimento pela população em geral.

Simmel (2006) relata que em quase todas as formas em que hajam interação social podem ser consideradas como formas sociais lúdicas. Simmel tem uma expressão que ele acredita que uma das características mais fundamentais das socializações e interações entre os homens, a expressão “jogo social”, com a relação de que essas relações sociais partem de pessoas de subjetividades diferentes mas que ao se relacionarem criam laços sociais em um determinado espaço, pois nas festas existem povos diferentes que estão no mesmo espaço festivo, e com isso havendo uma interação entre eles. Sendo uma forma que o autor fala de estar-junto mesmo que nem sempre de maneira harmoniosa, justamente pela diversidade existente em um local, com toda a subjetividade do ser humano.

Os autores que trabalham sobre as celebrações e festas, vem de diferentes áreas sendo eles da antropologia, história, ciências da religião, comunicação dentre outras áreas que veem esse objeto de estudo como forma de geração de sociabilidades influenciando o cotidiano de uma sociedade nas mais diferentes vertentes, sendo possível entender a historicidade das celebrações nas diferentes áreas, em que tem em vista diversas expressões, sejam elas orais, visuais, escritas como também, corporais, mas que na pesquisa em questão sobre cotidiano e sociabilidade em Valença do Piauí nos anos 1980, em que foram usados fontes orais, por meio de conversas que remetem a memória do povo valenciano, como também por meio visual

através de algumas imagens sobre o festejo junino no período e espaço estabelecido, que é no município de Valença em seu recorte referenciado.

Também é importante relacionar trabalhos científicos que trazem relações profanas e sagradas nas festas populares, sobretudo festas juninas, relacionados com a festa alguns aspectos das redes de sociabilidades como também de caráter integrador e cultural, pois as festas são vistas ora como divertimento, lazer, ora como formas de se expressarem no mundo.

Mircea Elíade (2010) afirma que o homem que queira viver sua existência de forma profana, nunca irá conseguir em sua totalidade, sempre trará consigo algo religioso, pois ele fala que não tem como abandonar completamente todos os aspectos religiosos, sendo mesmo nas experiências “profanas” conserva algum aspecto sagrado. Nota-se por meio da obra de Elíade (2010) que as festas juninas constituem do calendário sagrado, pelo seu significado religioso, mas que nas festas juninas isso se desprende do religioso e se configura como profano, isso se dar por aspectos de divertimento sem uma totalidade religiosa imposta, configurando como mero divertimento, como nota-se nos relatos das pessoas que participavam dessas festividades nesse período.

Émile Durkheim (2003) é considerado por muitos como o pai das ciências sociais, ele dedicou sua carreira intelectual problematizando uma ciência que discutisse as possibilidades de entendimento sobre os comportamentos que remetiam ao coletivo das sociedades, sua preocupação era explicar como a coletividade gera as sociabilidades, relacionadas ao cotidiano, a vida e aos laços coletivos, pois para ele a sociologia era a ciência responsável pelos modos de coletividades advinda das relações humanas, com o objetivo de descobrir fatos sociais, de maneiras estruturais da sociedade. Ele estuda as crenças e modos de condutas de uma sociedade, Durkheim usa o termo “consciência coletiva” em que para ele é o conjunto de ideias, crenças, e todas manifestações coletivas dos indivíduos, estando a festividade junina incluída nessa perspectiva durkheimiana, pois quando ele fala das festas, remete ao agrupamento de pessoas causando efervescências coletivas como nas festas juninas quando centenas de pessoas se unem em um determinado espaço com todas suas manifestações culturais que realçam suas identidades, evidenciando as interações sociais deixando-as mais ativas e visíveis.

A história, sociologia e antropologia buscam compreender a fundo as manifestações culturais tidas nas festas populares como a festa junina, como afirma Guilherme Guimarães Leonel:

A análise desses fenômenos não deve ficar apenas na superfície manifesta, ou seja, nos conteúdos, mas deve-se também compreendê-los mais a fundo, como formas geradoras de relações de sociabilidade, aproximando-os das formas puras sociológicas

nos quais, relacionar-se é a questão mais fundamental. São as relações sociais específicas de cada contexto histórico e suas singularidades que garantem a multiplicidade das manifestações dessa forma de sociação, garantindo-lhes os significados mais diversos. (LEONEL, 2008, p. 03).

Então, nota-se que a coletividade que as festas geram não são um faz de conta, mas que, configura-se como uma maneira das pessoas estarem-juntas, criando afetos, como também desafetos que se estendem muitas vezes fora das festas permanecendo no cotidiano das pessoas de certa região, compondo maneiras diversas de vivenciarem a coletividade, ou seja uma forma lúdica de socialização.

Para Durkheim (2003), as festas possuem sim aspectos de rituais e também de divertimento, mas que esses aspectos de recreação e ritual representam aspectos importantes das dimensões da vida em sociedade. Nas manifestações causadas nas festas populares há para Durkheim uma espécie de compartilhamento de emoções e ações formando um sentimento comum de socialização, não estando somente em forma de manifestação, que é o produto que a festa possui, seu significado, mas também conhecendo elas, as relações formadas mais a fundo sobre formas geradoras de socializações, onde o mais importante pra sociologia são essas formas de convivência, onde se relacionar é o aspecto mais fundamental, as festas cumprem de certa maneira uma função social podendo ocasionar conteúdos diversos, principalmente pelas diferenças e diversidades humanas, principalmente na contemporaneidade com os diversos meios que formam laços de coletividade sobre os diversos campos que a estudam, essas questões sociais estão formando saberes sobre essas construções sociais, sendo elas advindas da sociologia, antropologia, história e também a outras ciências sociais.

### **3.2- O cotidiano antes e durante os momentos das festas juninas**

As festas juninas como as outras festas populares reinventam o cotidiano das sociedades, pois é necessário todo um modo de organização para que tal festa aconteça e funcione, sendo necessário as pessoas mudarem sua rotina durante o mês de junho, ou até mesmo antes, para que a organização possa ser planejada de acordo com o objetivo da festa, segundo Leonel (2008):

Toda festa, na concepção durkheimiana, é um tempo consagrado. No entanto, é preciso considerar que se o fenômeno festivo rompe com a rotina, conecta-se ao cotidiano pregresso e posterior a ele quando se espalha por diversos meios através dos períodos não-festivos. (LEONEL, 2008, p.14).

Então nota-se que o cotidiano sofre alterações relacionadas às festas populares, mudando a vida da população no que antecede as festas ou durante o período festivo, pois essas práticas penetram no cotidiano por meio dos preparativos, não somente no período festivo, pois os preparativos para as festas juninas acontecem até dois meses que antecedem junho, por meio das organizações de vestimentas, ensaio das quadrilhas, confecção das roupas dentre outros preparativos que envolvem os momentos que antecedem o mês de junho, pois para que tudo aconteça como o esperado é necessário uma certa organização, e essa organização altera em algumas partes, o cotidiano da população, a partir do momento que elas abrem um tempo em suas rotinas para se dedicarem em algum aspecto que estejam relacionadas a festa.

Leonel (2008) ainda afirma que as festas consagram um tempo e espaço, relacionando-se de maneira até que se chegue as efervescências coletivas, que são as festas:

A festa religiosa reúne em si aspectos paradoxais que lhes são estruturais: rompe com o cotidiano, mas conecta-se a ele, pois não se entra neste tempo consagrado – ou em contato propriamente com o sagrado – sem que uma série de precauções sejam tomadas. A festa é, necessariamente, desordem, no sentido de transgressão das interdições e das barreiras usuais, mas não significa, obrigatoriamente, ausência completa de ordem, pois define quase sempre protocolos a serem seguidos. (LEONEL, 2008, p. 38).

Nesse trecho Leonel fala sobre o tempo e os preparativos que as festas necessitam para que aconteçam dentro dos conformes, havendo tanto aspectos de quebra como de conexão do cotidiano da sociedade. Isso nota-se quando as pessoas tiram um pouco de seu tempo do dia-a-dia para se dedicarem a algum aspecto às festas juninas.

As festas possuem características de espetáculos, lúdicos, em manifestações que buscam representar simbologias e rituais por meio de suas características musicais, teatrais, regionais dentre outros aspectos abordados nessas manifestações sociais. As festas reúnem várias vivências, dor e alegria, ordem e desordem, sagrado e profano dentre outros aspectos, em que elas trazem uma série de formas de socialização e de sociabilidades, sendo formas de estar-junto em sociedade, nem sempre de maneira harmoniosa, pois a antropóloga Léa Freitas Perez, afirma que “desordem festiva, o tumulto festivo, as violências festivas são fundadores, criadores da própria humanidade” (PEREZ, 2002, p. 29), sugerindo a diversidade humana. Por meio de relatos, em Valença no final da década de 1980 haviam grandes disputas e rixas entre os grupos quadrilheiros, isso por causa da concorrência acirrada geradas pelas disputas, havendo entre alguns componentes de grupos juninos uma espécie de desentendimento, entende-se isso como

um processo normal de socialização quando falamos de rivalidades advindas dessas festividades, gerando conflitos cotidianos.

### **3.3 A festa junina no contexto urbano**

No contexto urbano, as festas populares, como as festas juninas em Valença do Piauí nos anos 1980, por meio de relatos elas aconteciam ao ar livre, nas praças, ruas da cidade, recebiam um grande número de pessoas para assistirem essas manifestações, pois era um momento que a população se maravilhava com as festas, principalmente ao verem as quadrilhas, em que as mesmas representavam várias simbologias que prendiam a atenção do público em geral. A cidade mudava sua rotina para participar dessas festas.

Vale ressaltar que o público brincante de quadrilha, eram as pessoas das classes populares da sociedade, como relata a senhora Francisca Teresinha Ferreira (2017), quando ela relata que o público brincante de quadrilha era os de classes populares da cidade. Ela ressalta ainda que “os ricos iam assistir, mas não participavam como dançantes nas quadrilhas”, ela ainda relata que “era basicamente o povão mesmo”. Era um momento de festejar por parte da população, um momento de alegria e lazer, levando o público a diversos espaços da cidade, como na praça do bairro Bela-flor, como também no colégio estadual Santo Antônio, entre outros espaços e mais tarde na praça do Xerém, onde as pessoas se dirigiam a essas festas juninas para assistirem essas manifestações culturais, havendo uma relação das festas juninas no contexto urbano da cidade.

Portanto, as festas juninas como uma festa popular, em que Durkein afirma que a religião e a prática festiva, consagram um tempo determinado pelas datas religiosas, que se inserem nas práticas do cotidiano de um espaço, ou local, com aspectos sagrados se relacionando com o cotidiano formando características de práticas mundanas, rompendo muitas vezes com significados sagrados, como o caso em questão.

As classes populares, sobretudo valencianas revelam uma maneira própria de viver os locais urbanos, com relação ao trabalho e lazer, se fazendo presentes nas manifestações culturais, nos locais da cidade onde aconteciam comemorações que remetiam ao público trazendo um duplo sentido inter-relacionando a religiosidade e lazer que se unem no âmbito urbano, de acordo com os motivos que levam o público a se reunirem dando origem a esses movimentos culturais, surgindo por meio dessas festas populares lembranças de um tempo consagrado na memória de um povo no seu espaço-temporal, acentuando a construção de uma



identidade cultural do município. Pollack (1989) afirma que, “Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (Pollack, p. 204), compreendendo portanto que as festas juninas nos espaços da cidade, constitui como um elemento formador de identidade de indivíduos que viveram nesse âmbito festivo nos espaços formadores de memória.

Peter Burke (1991), um renomado autor que trata de elementos da história cultural, acredita que as modificações tidas nas formas de comemorar acompanham transformações do meio urbano, incorporando novos comportamentos associados a modernidade, e remetem a uma trajetória de convivências nas manifestações populares como também suas participações nas festas, trazendo alusão as modificações da festividade como um aspecto normal nos centros urbanos, estando atreladas a uma certa ideia de modernidade, em relação ao contexto urbano.

Por meio de relatos existiam em Valença na década de 1980, locais onde haviam as festas juninas, juntando aglomerados de pessoas para participarem dessa festividade, no início desta década as quadrilhas se apresentavam nas sedes, ruas, praças, colégios, quadrilhas de vizinhanças dentre outros locais da cidade aonde haviam essas manifestações sociais, e que a partir de 1985 começaram as competições, onde de início se deram na escola estadual Santo Antônio, onde aconteciam disputas organizadas pela direção da escola, e que mais tarde, no ano de 1989 inicia-se o festival de quadrilhas de Valença do Piauí, intitulado arraial do gorgulho, organizado desde então pela prefeitura, após perceber o grande sucesso que essas festas juninas no município, elas estavam se tornando grandes e importantes para a população, onde as competições juninas aconteciam na praça do xerém, aonde hoje acontece a feira municipal aos sábados. Esse nome do festival “Arraial do gorgulho”, se deu justamente por esse espaço onde ia acontecer esse festival, pois era o local aonde existia e ainda existe a feira municipal da cidade.

Portanto, no contexto urbano, as festas juninas na cidade de Valença do Piauí trazem algumas relações entre o profano e o sagrado, sendo vistos como um conjunto, pois existem práticas relacionadas a devoções, rituais, simbolismos mas também a diversão, lazer como também, a aspectos não religiosos, estando relacionadas à cidade, em manifestações que remetem a processos formadores de sociabilidades de uma sociedade, atrelada ao cotidiano da população, pois as festas são vistas como fenômenos geradores da saberes da vida coletiva de uma região.

#### 4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, por meio das análises sobre a história de Valença do Piauí, buscamos estabelecer compreensões sobre como se desenvolviam as festas juninas, como festas populares neste município, Analisamos os dois momentos do recorte temporal, de 1980 ao início de 1990, de início quando as festas juninas serviam para entreter a população em geral, mais ligados com sentidos “matutos” e o final dessa década quando o interesse junino estava muito mais ligada com competições acirradas, como também por um ideal de modernidade vista nas festas.

Fizemos uma contextualização do que seriam as festas juninas, retratando um pouco de suas origens, simbologias e seus significados entendidos pela sociedade em geral, como suas vestimentas, culinária, parte musical, dentre outros aspectos que envolvem essas festividades, buscando reiterar alguns conceitos referentes a pluralidade cultural que essa festividade possui, compondo parte importante em uma identidade cultural brasileira.

Analisamos da história oral num estudo sobre memória coletiva da população. As pessoas que foram entrevistadas participaram, de forma ativa nas festas juninas na década de 1980, elas estiveram tanto na produção das festas, como no treinamento de quadrilhas e até mesmo como brincantes de quadrilhas no município, portanto conhecem muito bem como se davam as festas juninas em Valença do Piauí. Como afirma Michel Pollack (1990) a memória é socialmente construída, ele defende ainda a história oral como um aspecto importante para entendermos as subjetividades humanas. Ele afirma ainda que essa subjetividade da história oral serve para abrir diversos outros campos de pesquisa quando relata que

Agora, é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. (POLLACK, 1989, p. 207).

Pois ele relata que a história oral como as outras fontes, tendo sua metodologia que faz com que ela funcione de maneira científica digamos assim, e com isso ao longo do tempo surgiram e surgem sistemas metodológicos que fazem a história oral como um campo de grande importância para novos campos de pesquisas que possam surgir.

Fizemos uso também de imagens que retratam um pouco sobre essas festividades nesse período. As fotos encontradas remetem as festas juninas nos espaços pesquisados. Elas por si só, já abrangem diversas características, pois elas dão formas e cores ao trabalho escrito e

reflexivo estabelecendo de forma visual ao que as análises se configuram. Para nós historiadores as fotografias reúnem aspectos especiais com inúmeros significados espaciais e temporais, configura-se como uma fonte de extrema importância para afins em diversos trabalhos.

Trouxemos análises que buscam situar a cidade no seu espaço urbano, pois como vimos é na cidade que tudo acontece, no cotidiano com a grande diversidade de pessoas surgem manifestações muitas nem sempre passivas como afirma Raquel Rolnik

Ao pensar a cidade como um ímã, ou como escrita, não paramos de lembrar que construir e morar nas cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. Na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento vizinho, ou um veículo no trânsito. (2012, p. 19)

Nota-se, portanto, a grande diferença de povos dentro de uma mesma sociedade. Então, as efervescências coletivas remetem a diversidade em um mesmo espaço.

Os espaços festivos remontam a transformações nas maneiras das pessoas ocuparem os espaços urbanos, as ruas, praças e outros se transformam para atenderem a tal manifestação, como ocorre nas festas juninas em que as praças são usadas de maneira, por uma reapropriação desse espaço para as festas juninas, deixando um pouco de lado o espaço como forma da vida cotidiana, isso fica mais visível nas festas juninas, quando a praça da Bela-flor deixa de ser apenas um espaço de circulação para assumir caráter integrador de coletividade, pelas festas juninas por exemplo.

As festas juninas funcionam como um campo fértil para o estudo das relações humanas, configuram-se como um objeto de pesquisa voltada para o trabalho em questão, sobre o cotidiano e as sociabilidades que as mesmas são capazes de gerar. As festas juninas configuram-se como festas populares, sendo um elemento da vida popular de uma sociedade, com todos seus aspectos.

Portanto, entendemos as festas juninas na cidade de Valença do Piauí, na década de 1980, como uma festa popular como aspecto de grande importância para a sociedade local, sendo ela um aspecto de coletividade por meio das representações culturais que compõem elas, com diversos aspectos da vida cotidiana, retratando as suas simbologias. É importante relatar também o apego da sociedade com essa festa popular, que como vimos ela serve como divertimento por meio dos aspectos lúdicos que elas apresentam em si, e que por mais que os costumes tenham se alterado a sociedade ainda tem as festas juninas com carinho, estando enraizadas na cultura brasileira em geral.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Hayeska Costa. **Prepare seu coração para as coisas que eu vou contar**: Um ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

BOURDIEL, Pierre. (1984 [1979]). **Elementos de uma teoria sociológica da percepção artística**. University Press.

BORGES, Geruza Helena. **Festas juninas**. Belo Horizonte: Mazza, 1993.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. 1991. Editora Unesp. 8ed. 2002

CARVALHO, Samanta V. C. B. Rocha. “**Manifestações Culturais**” In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs.). **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. vol.1. Petrópolis: Vozes, 1994

CHARTIER, Roger. **A historia Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1990. 245p.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior: migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal: EDUFRN, 2006

CHIANCA, Luciana de Oliveira. São João: A mais brasileira das festas [On-line] In: **Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades**. 2008.p. 141-146, Internet, 2011. Disponível em: <http://anaiscolouquiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html>. Acesso em: 22/05/2017.

DURKHEIM; E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

**ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DO BRASILEIROS (IBGE)**. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=221130> > acesso em 08 se agosto de 2017

FERREIRA, Francisca Teresinha. **Depoimento concedido a Alaylton Wesley Moura Félix**. Valença do Piauí, 15 maio. 2017.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares**. Comunicação e Informação, V 9, n° 1: p. 111 - 117 – jan./jun. 2006.

FRAZER, James George. **O ramo de ouro**. São Paulo: Círculo do

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. 14. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001. Livro, 1978.

MENEZES, Juliana Santos. **Festas culturais: Tradição, Comidas e Celebrações**. São Paulo, 1998.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MACEDO, Ricardo Cruz. **SEM SÃO JOÃO, NÃO TEM GRAÇA! Estilo de vida juvenil e quadrilha junina na cidade. 2015**

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 2002.

MAMBENGA, Antônio José. **FESTAS JUNINAS EM VALENÇA – PI**. 2017. Disponível em < [https:// http://dentedebaleia.blogspot.com.br/2017/06/](https://http://dentedebaleia.blogspot.com.br/2017/06/)> acesso em 03 de julho de 2017.

OLIVEIRA, Etevalda Maria de. **Depoimento concedido a Alaylton Wesley Moura Félix**. Valença do Piauí, 13 maio 2017.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203).

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas. Festas de São João: Origens, Tradições e História**. São Paulo: Publishing Solutions, p.01-132 2008.

RIBEIRO, Heloisa, **Rotas da fé: Festas Juninas**. Caderno Virtual de Turismo, vol. 2, núm. 3, 2002, pp. 24-35. Universidade Federal do Rio de Janeiro \_ Rio de Janeiro, Brasil.

SIMMEL, Georg. **Sociologia e epistemologia**. Paris, PUF,1991.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 2002.

OLIVEIRA, Francisco Eustácio de. **Depoimento concedido a Alaylton Wesley Moura Félix**. Valença do Piauí, 13 maio 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SANTOS, Francisca Rodrigues dos. **Depoimento concedido a Alaylton Wesley Moura Félix**. Valença do Piauí, 18 maio 2017.

**Anexos**  
**Roteiro de perguntas**

- 1) Conte um pouco da história da senhora
- 2) Fale um sobre seu contado com as festas quadrilhas?
- 3) Como eram essas festividades nesse tempo?
- 4) Onde era que acontecia essa festa cultural??
- 5) Quem era o público envolvido com ela, ou seja, qual público estava ligado com essa festividade, quem participava?
- 6) Como eram organizadas as festas juninas??
- 7) Qual a relação das festas juninas com o catolicismo??
- 8) Essa festa cultural era prestigiada pela população valenciana? Se juntava grupos de pessoas para assistirem essas festividades??
- 9) Relate um pouco das lendas ou mitos que envolvem as festas juninas?
- 10) Como era a parte musical desses festejos??
- 11) Como eram organizados as duplas de quadrilhas??
- 12) Como o senhor (a) ver essa modificação de alguns costumes sobre essa festividade?

13) Você acha importante as festas juninas como parte da cultura brasileira, sobretudo valenciana?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( X ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Alaylton Wesley Moura Félix,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Cotidiano e sociabilidades nos feiteiros juninos  
de Valença do Piauí na década de 1980  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Março de 2018.

Alaylton Wesley Moura Félix  
Assinatura

Alaylton Wesley Moura Félix  
Assinatura